

As praias cariocas no início do século XX: sociabilidade e espetáculos do corpo

Rosane Feijão

Entre as obras empreendidas durante a grande transformação urbana do início do século XX no Rio de Janeiro, a que mais mereceu atenções e estudos até hoje foi a da avenida Central. Apesar de tal preferência ter sua razão de ser, já que foi naquele espaço que se concentraram os mais importantes símbolos de modernidade do período, veremos que a avenida Beira Mar, apesar de menos comentada, teve igual ou maior influência sobre a cidade. Tal obra mostrou-se decisiva na expansão urbana rumo à Zona Sul e serviu de modelo para uma sequência de novas avenidas que ladeavam o oceano, tomando-o como fronteira ao acompanhar de perto o desenho proposto pela natureza em bairros até então esparsamente habitados.

A urbanização do litoral sul da cidade do Rio de Janeiro foi efetuada em um período em que os hábitos balneários se disseminavam pela Europa, provocando mudanças econômicas e morais, com influências expressivas na moda, no comportamento e nos padrões de beleza. Situadas dentro do perímetro urbano da capital da República, as praias cariocas adquiriram características muito particulares ao mesclar os ambientes praianos aos da grande cidade. O objetivo, aqui, é analisar as transformações ocorridas em tais espaços, principalmente em relação às interações sociais propiciadas em função das novas atividades que passaram a abrigar.

O documento de 13 de abril de 1903 da Comissão da Carta Cadastral do Distrito Federal expunha, como objetivo primeiro para a construção da avenida Beira Mar, “dar um desafogo ao intenso movimento que se efetua entre a cidade e os bairros do Catete, Botafogo e adjacentes”.¹ A justificativa do empreendimento passava pela dificuldade de alargar as ruas já existentes em função do alto custo decorrente das desapropriações que seriam necessárias para que se conseguisse um resultado eficiente. Propunha-se como solução a abertura de

¹ DEL BRENNNA, Giovanna. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro: Editora Index, 1985. p. 44.

uma nova via tomando o litoral como caminho alternativo. O relatório apresentava as vantagens de tal opção de forma quase poética:

O litoral aí estava oferecendo campo para o lançamento de uma avenida à beira-mar, por onde o trajeto se efetuasse de modo mais cômodo, com o frescor da brisa marítima e o encanto pitoresco da nossa baía.²

Entre os bairros tratados como adjacentes ao Catete e a Botafogo, que sequer mereceram ser mencionados pelo documento, estavam Copacabana, Ipanema e Leblon. Poucas décadas depois, estes e todos os outros que vieram a compor a Zona Sul tornaram-se áreas intensamente valorizadas e reconfiguraram não somente o espaço físico da cidade, mas todo o imaginário a ela ligado.

A expansão da cidade em direção ao litoral sul, que hoje nos parece algo muito lógico e até mesmo natural, foi uma opção urbanística ousada, pouco utilizada naquela época por outras cidades com condições geográficas semelhantes. Até o início do século XX, a proximidade com o mar fazia do Rio de Janeiro uma cidade portuária e não um balneário. E era justamente a área portuária que aparecia como o principal foco das intervenções do presidente Rodrigues Alves e dos planejadores a ele vinculados. Até mesmo a luxuosa avenida Central foi pensada como parte desses melhoramentos: sua função era contribuir para que os produtos chegados ao porto fossem distribuídos com maior facilidade e rapidez na rede de comércio estabelecida no centro da cidade.³ A avenida Beira Mar funcionaria como um prolongamento da avenida Central, estabelecendo uma ligação direta com os bairros da Zona Sul.

Naquele momento, o termo “balneário” ainda era quase uma novidade: ele havia sido disseminado ao longo do século XIX para definir as cidades litorâneas europeias que se desenvolveram em função do turismo provocado pela transformação dos ambientes marítimos em lugares de lazer e de cuidados corporais. A partir da segunda metade do século XIX, quando os deslocamentos para as praias se tornaram mais frequentes, facilitados pela expansão das redes

² *Ibid.*, p. 44.

³ AZEVEDO, André Nunes. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. *Revista Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Uerj/LPP/Fórum-Rio, n. 10, maio-ago. 2003, p. 35-63.

ferroviárias, cidades como Brighton, na Inglaterra, e Dinard, na França, prosperaram como importantes polos de divertimento e sociabilidade. No começo do século XX, as estações balneárias haviam se multiplicado em toda a Europa, mas, mesmo recebendo grande afluência de turistas durante o verão, tais localidades mantinham-se em um ritmo muito diferente dos grandes centros. E assim deveriam permanecer, já que era exatamente o afastamento do excesso de estímulos nervosos das metrópoles industriais que homens, mulheres e crianças buscavam em vilegiaturas à beira-mar.

No Rio de Janeiro, os hábitos balneários se desenvolveram sob outras condições. Após a abertura da avenida Beira Mar e do túnel Alaor Prata (hoje mais conhecido como túnel Velho, construído em 1892 exclusivamente para a passagem de bondes), as praias cariocas da Zona Sul tornaram-se facilmente acessíveis, passando a fazer parte da malha urbana. Em crônica da *Gazeta de Notícias* de 24 de outubro de 1909, João do Rio já definia Copacabana como “um prolongamento da Real Grandeza, que é um prolongamento de Botafogo, que o é do Catete, cidade, enfim”. Isso não impediu, no entanto, que o banho de mar fosse buscado como remédio para diferentes males advindos do estilo de vida pouco saudável imposto pela cidade grande. Mesmo sendo “cidade” – ou fazendo parte dela – as praias proporcionavam as mesmas experiências sensoriais buscadas pelos europeus, já que ainda eram muito pouco habitadas. A grande diferença é que a facilidade de acesso às praias cariocas permitiu que tais experiências não fossem momentos de exceção, mas parte do dia a dia dos habitantes da cidade.

Em texto publicado na revista *Careta* de 21 de janeiro de 1928, o personagem de um jovem médico, descrito como “um cavalheiro de músculos salientes, mas de perfil harmonioso e sadio”, dialoga na praia com “uma dama jovem que expõe ao sol 80% de sua plástica impecável” sobre os benefícios do contato constante com o mar. Segundo ele, os banhos de mar seriam capazes de dar “saúde aos fracos, energia aos indolentes, coragem aos tímidos, vida aos moribundos”, minimizando, assim, os efeitos maléficos da “vida artificial” das cidades que, “com as suas ruas cheias de poeira e de gente”, facilitavam a “vitória do microbio, da sombra, do namoro, de todos os germens das calamidades terrenas”.

A menção ao namoro como algo negativo é explicada a seguir:

- Do namoro também?
- Pois claro! Onde não há a nota viva da natureza o homem procura a distração das coisas artificiais. Os grandes marinheiros morrem solteiros porque se casam com a beleza do mar. Nas aldeias, entretanto, onde a monotonia impera, é que os casamentos mais se amiúdam... Ela riu mais forte, com estremeções do busto ondulante.
- Pois não sabe que é em Copacabana, no verão, que se fazem 90% dos noivados do Rio?
- Não creio que haja tanto tempo para amar diante do esplendor do Atlântico, toucado de rosas brancas como as noivas... Eu, por exemplo, até me esqueço de que estou diante de uma mulher bonita, para ver o mar... Ela fez um muxoxo de descrença.⁴

A conversa, que parecia se encaminhar de forma distanciada e didática, deixa transparecer outras intenções: um jogo de sedução envolvia claramente os protagonistas da cena. O texto já havia informado que ambos eram casados, o que explica a necessidade do jovem médico de desprezar a instituição do casamento, chegando a compará-lo a um desastre. Ainda que não muito elegante em certas passagens, o texto compõe um retrato bastante abrangente de uma praia carioca no final dos anos 1920: um lugar de encontro, onde corpos seminus desfrutavam prazeres há pouco descobertos.

As praias mais próximas ao Centro, como a de Santa Luzia e até mesmo a do Flamengo, já eram frequentadas por banhistas em busca de lazer e de cuidados com a saúde desde o fim do século XIX. A grande novidade dos frequentadores de Copacabana, nos anos 1920, foi relegar tais objetivos a um segundo plano, como se pode perceber pela descrição da paisagem humana da praia composta pelo autor do texto da revista *Careta* acima citado. Entre “cavalheiros magricelas”, “damas-baleias”, “moçoilas delgadas como vime e tremelicantes como gelatina”, “velhos de cabeça escavada como montanhas estéreis” e “criancinhas de admiráveis contornos físicos”, é detectada a presença de “grupos dispersos,

⁴ CARETA, 21 de janeiro de 1928. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1928/careta_1928_1022.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

em que se conversa indiferente ao mar e indiferente ao banho”.⁵ As interações sociais que se davam em tais ambientes rivalizavam com as experiências sensoriais que o ambiente físico proporcionava, tornando-se interessantes a ponto de atrair um público cujo objetivo principal era o estar-junto. Entre as consequências de tal processo, pode-se falar de uma reorganização da cartografia afetiva da cidade, fazendo com que as praias fossem entendidas como importantes espaços de convívio, transbordando a efervescência das areias para as superfícies construídas dos bairros a que pertenciam.

A urbanização da orla do litoral sul, que teve como primeira grande obra a construção da avenida Atlântica em 1906, contribuiu para a valorização das praias: a partir de então, em vez de fundos de lotes e quintais, estabeleceu-se ao longo da nova via e, portanto, de frente para o litoral, uma sequência de bem cuidadas fachadas e jardins. Em Copacabana, o longo passeio sobre as calçadas de pedras portuguesas entrou na moda e passou a dividir a preferência com os espaços mais tradicionais das áreas centrais. O *footing* agora acontecia também à beira-mar.

As consequências de tais mudanças vão muito além da dimensão puramente espacial ou urbanística: as praias passaram a receber com maior frequência não somente os moradores daquela região, mas também visitantes que para lá afluíam em seus momentos de folga, em busca de diversão, ligada ou não ao banho de mar. Hotéis, restaurantes e até mesmo cassinos movimentavam dia e noite os bairros à beira-mar.

SAÚDE E PRAZER

No início do século XIX os relatos sobre atividades de banhistas nas praias da cidade sugerem que a prática já era adotada em condições e com objetivos ligeiramente diferentes do que acontecia no continente europeu naquele momento. Affonso de Taunay destaca a experiência do viajante inglês William Gore Ousley, que esteve no Rio em 1830, descrevendo os “magníficos banhos de mar de Botafogo” como “ótimos para senhoras” e intensamente frequentados por “famílias desejosas de se revigorarem naquelas águas de banhos tão segu-

⁵ Ibid.

ros”.⁶ A narrativa sugere que os frequentadores das praias cariocas já tinham a expectativa de extrair do ambiente algum tipo de prazer, ultrapassando o desfrute puramente terapêutico.

No Brasil, o contato com o mar remonta ao período anterior à colonização portuguesa, já que, segundo relatos de viajantes quinhentistas, os índios costumavam nele banhar-se várias vezes ao dia.⁷ É bastante possível que tais hábitos tenham permanecido entre as camadas menos letradas da população, que não precisavam de teorias higienistas para perpetuar um prazer há longo tempo conhecido, dispensando as inúmeras regras criadas por médicos e cientistas, que restringiam sobretudo a duração e a quantidade dos banhos de mar.

Foi em meados do século XIX que cariocas de todas as camadas sociais passaram a ser aconselhados a desfrutar dos benefícios que os banhos de mar poderiam trazer para a saúde. Pode-se pensar, portanto, em um movimento contrário ao que se deu nos balneários da França ou da Inglaterra: enquanto nesses países tal prática foi iniciada por volta do século XVII por iniciativa da aristocracia, que a tomava como cura para males do corpo e do espírito, em terras (ou em águas) brasileiras, as camadas mais ricas da população foram as últimas a estabelecerem contato físico frequente com as águas do mar.

No final do século XIX, com o hábito dos banhos de mar já consolidados no Rio de Janeiro em praias próximas ao Centro, a demanda por maior comodidade para as trocas de roupa que a atividade exigia fez nascer toda uma estrutura de casas de banho, que funcionavam desde as primeiras horas da manhã. Tais estabelecimentos ofereciam, a preços variados, pequenos quartos ou cabines com banquinho e espelho, onde era possível vestir-se e desvestir-se com privacidade. Ou com relativa privacidade:

Entre os velhos casarões, servindo de instalação aos grêmios esportivos, existem, junto a uma praia cheia de pedras, casas de banho, onde, não raro, se vê um boletim escrito assim: “É expressamente proibido fazer furos nestas cabines a verruma ou pua, os encontrados nesta prática devendo ser entregues à ação da polícia” [...]

⁶ TAUNAY, Affonso de E. *Rio de Janeiro de antanho: impressões de viajantes estrangeiros*. São Paulo: [s.n.], 1942. p. 192.

⁷ GASPAR, Cláudia B. *Orla carioca: história e cultura*. São Paulo: Metalivros, 2004. p. 31.

Literatura inócua e vã, porque muitos desses casinholos continuam a lembrar verdadeiras peneiras, de tantos furos. As senhoras são obrigadas a forrar as paredes de tábuas com lençóis, se querem fugir ao olhar atrevido do vizinho inconveniente e ousado.⁸

No entanto, apesar de todo esse aparato, o tempo passado nas praias era curto: atendendo às prescrições médicas e aos padrões de beleza e distinção vigentes na época, que insistiam na necessidade de se preservar a pele do sol para que esta se mantivesse o mais branca possível, os banhos duravam de cinco a dez minutos. Os encontros mais demorados certamente se davam após o banho, nas casas que ofereciam café da manhã muito cedo, compondo um ambiente ruidoso e festivo, cujos elementos principais foram pinçados por João do Rio e publicados em crônica na *Gazeta de Notícias* de 26 de junho de 1911: “os pulmões iodados, a face fresca, aquele barulho de xícaras batendo nos pires, o café e o leite fumegantes, os brioches tenros, os jornais desdobrados, a festa ao ar livre, antes das ocupações de cada um”.⁹ Portanto, mesmo atraindo um público numeroso, a sociabilidade despertada pelas praias se dava prioritariamente fora tanto da água como das areias, apesar de trocas de olhares, beijos e beliscões, que nem sempre as ondas ocultavam, aparecerem em relatos de alguns cronistas.¹⁰

Ao longo dos anos 1920, Copacabana e, em seguida, as demais praias da Zona Sul inauguraram novas formas de apropriação dos ambientes praianos, transformando-os em lugares de convívio mais prolongado, onde se poderia permanecer por várias horas, desfrutando das sensações que a paisagem natural proporcionava e da efervescência de uma atmosfera marcadamente sensualizada.

A comparação de cenas captadas em praias cariocas, publicadas em veículos midiáticos semelhantes em diferentes momentos, pode-nos dar indícios da mudança efetuada na ocupação desses espaços. Durante a década de 1910, embora o banho de mar já fosse considerado uma atividade de lazer e, portanto, na maioria

⁸ EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. v. 4.

⁹ JOÃO DO RIO. *Gazeta de Notícias*, 26 jun. 1911 apud GASPARG, Claudia. *Orla carioca*, p. 87-88.

¹⁰ Referência a trecho do artigo de João do Rio citado anteriormente: “Eram senhoras assustadas, presas aos banhistas, como ‘pregos’, eram raparigas aprendendo a nadar e a mergulhar com impetuosos jovens, eram gaiatos e pândegos rebolando na areia e espadanando água, eram palestras como em casa – meia gritaria infernal, sob o sol dourado e o olhar de dezenas de sujeitos que iam para o terraço do passeio e dar conta dos beliscões e dos beijos que as ondas nem sempre ocultavam”.

das vezes, praticado em grupo, a praia ainda não era ocupada como um lugar de estar. As características desse primeiro período são aqui analisadas através de fotografias de duas edições de janeiro de 1910 da revista *Careta*. Na década seguinte, a transformação ocorrida na utilização das praias ecoa na forma como os frequentadores desses ambientes são fotografados. As imagens publicadas na revista *Para Todos* no ano de 1928 já exibem tais mudanças, que serão comentadas mais adiante.

O RIO À BEIRA-MAR

Em 8 de janeiro de 1910, a revista *Careta* publicou uma página contendo quatro fotografias com cenas de banhistas na praia de Santa Luzia (figura 1).¹¹ O nome pode soar estranho mesmo para os cariocas, mas o local, próximo ao Centro, era muito procurado para banhos de mar, embora hoje ele já não exista mais: a praia foi aterrada e sobre ela (e mais algumas outras) foi construído, em 1936, o Aeroporto Santos Dumont. Com o título “As nossas praias”, a reportagem fotográfica nos mostra pessoas que se divertem dentro de um mar de águas calmas. A legenda “Banhistas na praia de Santa Luzia” não nos informa muita coisa, mas indica o objetivo prioritário daqueles que ali estavam: o banho de mar, já que eram “banhistas” – o que explica, de certa forma, o ângulo escolhido pelo fotógrafo, com o mar sempre em primeiro plano: o mais importante daquele ambiente era o mar. Era ele, o mar, o motivo pelo qual todas aquelas pessoas estavam ali.

Vemos grupos de pessoas ora em círculos, ora nadando lado a lado, ampliando o prazer de ações que tinham o corpo como instrumento central por um estar-junto que valorizava aquela vivência, transformando-a em experimentação coletiva. Mesmo não desenvolvendo contatos mais íntimos, os frequentadores daquela praia estavam unidos por partilharem o mesmo gosto – um gosto ainda pouco disseminado – pelo contato com o mar e pela proximidade que a atividade impunha. Os banhistas estavam, portanto, literal e metaforicamente, imersos em um meio ao mesmo tempo natural, cultural e social. O mar, nesse caso, aparece como um elemento de ligação tanto simbólico como físico: nas fotografias os corpos parcialmente sob a água parecem fundir-se com ela, formando uma única grande mancha, composta por vários tons de cinza, advindos do mar e das figuras humanas.

¹¹ CARETA, 8 de janeiro de 1910. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1910/careta_1910_084.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.



Figura 1



Figura 2

O mesmo pode ser observado em outra reportagem da mesma revista, duas semanas depois, que documenta a animação na praia do Flamengo (figura 2).¹² Com menos construções à volta, é possível ver a estreita faixa de areia, separada da rua por uma murada alta, onde se debruçam pessoas em trajes de passeio, apreciando o movimento dos banhistas. A indumentária própria para banho, escura e pesada, que ainda cobria grande parte do corpo, pode parecer extensa demais, mas já deixa à mostra parcelas de braços e pernas normalmente encobertos pelas roupas do dia a dia, principalmente em lugares urbanos públicos, como aquele o era. Certamente os corpos semidesnudos eram um atrativo a mais, um motivo a mais, para reunir a pequena multidão de homens e mulheres que participavam da cena, observando o que se passava na praia.



Figura 3

¹² CARETA, de 22 de janeiro de 1910. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1910/careta_1910_086.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

A sensação é de movimento, tanto dentro como fora d'água: alguns nadam, outros sobem as escadas ainda em trajes de banho e na calçada, por trás da murada, o trânsito de pedestres é intenso. O espaço menos populoso é o da areia: os banhos de sol ainda não haviam se estabelecido como um hábito ou modismo a ser seguido. Não há guarda-sóis fincados na areia e, como não há qualquer área de sombra fornecida por algum tipo de cobertura, é de se imaginar que o tempo de permanência naquele ambiente não fosse muito longo. Mesmo assim, um clima festivo toma conta dos diversos ambientes retratados e é fácil imaginar o burburinho, as risadas e os gritos das crianças que provavelmente poderiam ser escutados naquele momento. A prova de que tal algazarra efetivamente acontecia é a Portaria Municipal de 1º de maio de 1917, que, além de regular os horários do banho, os locais onde estes eram permitidos e a roupa com que os banhistas deveriam se apresentar, estipulava em seu quinto parágrafo: “São expressamente proibidos quaisquer ruídos e vozerios na praia ou no mar, durante todo o período do banho”.¹³

As fotografias publicadas na revista *Para Todos* de 31 de março e de 15 de dezembro de 1928 nos mostram um panorama bastante diferente. A maioria das cenas retratadas se passa na areia, onde mocinhas aprendiam a fazer poses provocantes, expondo sem pudor as pernas ao sol e às câmeras, que com frequência enquadravam esta parte da anatomia feminina em primeiro plano (figura 4). Serviam-lhes de modelo as atrizes do cinema que, além de serem vistas nas telas, tinham sua imagem propagada em revistas como a própria *Para Todos*, cujo assunto principal era justamente o cinema.

Como o jogo social que ali acontecia agora poderia durar por muitas horas sob o forte sol do verão carioca, guarda-sóis e sombrinhas japonesas tornaram-se acessórios indispensáveis e, mais do que isso, elementos de moda. Julia O'Donnell relata que na década de 1920 os clubes sociais praianos promoviam festas e eventos como uma nova forma de usufruto da vida social à beira-mar e cita como exemplos a “Festa da sombrinha” e a “Festa da ventarola”.¹⁴ Não é à

¹³ O PAIZ, 2 de maio de 1917. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1917_11894.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

¹⁴ O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 140.

toa, portanto, que uma atenção especial era dada a esses adereços e que, como se pode perceber pelas fotografias, estavam associados ao jogo de sedução encenado pelas banhistas mais desinibidas.



Figura 4



Figura 5

Outra grande diferença entre as fotos de 1910 e as de 1928 é o enquadramento. Já foi citado aqui que o mar, antes soberano em primeiro plano, deixava até mesmo de aparecer em grande parte das fotografias exibidas pela *Para Todos*. Mas, além disso, e talvez mais importante ainda, é que o assunto principal da fotografia passa a ser a paisagem humana: os indivíduos que frequentam as praias agora são a parte mais importante da cena. O plano escolhido é menos amplo e focaliza com nitidez não apenas as silhuetas, mas também rostos, sorrisos e olhares. Isso não implica, no entanto, a identificação nominal de tais personagens em legendas, como acontecia com os instantâneos da avenida Central. Mas, mesmo sem a aura *chic* dos espaços mais tradicionais, a praia começa a se estabelecer como a passarela de uma nova elegância, onde o despojamento é calculado não apenas para estar de acordo com a moda, mas também para não extrapolar as barreiras morais ainda vigentes, mesmo que muitas vezes forçassem os limites por elas permitidos.

CORPOS DESVELADOS

É notável a transformação ocorrida nos trajes de banho ao longo dos anos 1920. No começo da década, os modelos femininos usados nas praias cariocas ainda podiam chegar até os joelhos e, mesmo já sendo confeccionados em jêrsei, eram volumosos e apresentavam um aspecto pesado, acentuado pelo uso generalizado de cores escuras, como aparece no desenho que ilustra a publicidade da Casa Colombo, veiculada na revista *Fon-Fon!* de 22 de janeiro de 1921. A publicidade afirmava que “nas praias *chics* as roupas e toucas da Casa Colombo são notáveis pela elegância e conforto de suas linhas”, fornecendo, portanto, indícios da existência de uma vida elegante nas praias, mas que ainda tinha no conforto um valor – herança, certamente, do tempo em que os banhos de mar eram prioritariamente ligados a questões de saúde.

No fim da década de 1920, depois de muita polêmica, o maiô inteiro foi adotado pelas mulheres como o traje de banho da moda. Até então reservado aos homens, o maiô de malha colante e sem mangas expunha de forma inédita o corpo feminino e já era usado em Copacabana sem grandes problemas. Apesar de o uso de tal peça ter sido iniciado na Europa logo após a Primeira Guerra Mundial, ele só iria aparecer nas praias cariocas bem mais tarde, praticamente

dez anos depois e, mesmo assim, dividindo o espaço com conjuntos de túnica e calções e até mesmo com os antigos trajes de baeta,¹⁵ precursores da moda praia.

Anne-Marie Sohn destaca a erosão progressiva do pudor corporal ocorrida a partir do início do século XX e aponta como fatores fundamentais a moda e o turismo balneário, que tinham na Côte d’Azur e na Normandia seus principais pontos de afluência.¹⁶ Os balneários tornam-se, a partir de então, lugares da moda, onde desponta uma vida elegante e mundana – não foi à toa que Mlle. Chanel escolheu Deauville para abrigar uma de suas primeiras boutiques. Na França, as imagens de corpos femininos *seminus* já alimentavam a publicidade de restaurantes e hotéis à beira-mar desde os últimos anos do século XIX. Cartazes, litografias e cartões postais exploravam o impacto e a atração suscitados pelas relativamente fartas porções de pele expostas em desenhos de moçoilas desinibidas, convidando à experimentação de novas sensações que fariam os visitantes esquecerem as “nevroses” adquiridas na vida pautada pelos superestímulos das grandes cidades.

Segundo Alain Mons, o aparecimento da pele em lugares públicos atua decisivamente sobre o espaço, modificando sua atmosfera. A pele exposta, sugere Mons, contamina o meio ao se fazer perceptível e, mais do que isso, irresistível ao olhar, provocando um “efeito epidérmico” sobre o espaço. A superfície do corpo e a superfície da cidade estabelecem um contato físico direto, “*peau contre peau*”, interferindo diretamente uma na outra.¹⁷

Os corpos nus – ou *seminus* – em espaços públicos podem também ser entendidos como atratores, no sentido que Maximo Canevacci dá ao termo, já que têm “a capacidade de exercitar uma potente atração visiva, graças ao elevado conteúdo de fetichismo visual incorporado”.¹⁸ Para explicar melhor o conceito do atrator, Canevacci lança mão de uma comparação:

¹⁵ Os primeiros trajes de banho eram confeccionados com um tecido escuro e grosso, feito de lã, chamado baeta, imune a transparências mesmo quando molhado.

¹⁶ SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 110.

¹⁷ MONS, Alain. *Les lieux du sensible: villes, homes, images*. Paris: CNRS Éditions, 2012.

¹⁸ CANEVACCI, Massimo. *Fetichismos visuais: corpos eróticos e metrópole comunicacional*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. p. 16.

Um exemplo clássico que pode ser utilizado para descrever um atrator é uma bolinha que rola sobre um plano. A bolinha é a pupila. Devido ao atrito, o movimento da bolinha tenderá a convergir sempre para a situação na qual a velocidade é nula. Isto é o atrator: o movimento zero. Então, quando o movimento é zero significa que o olho – que está distraidamente rolando sobre os panoramas visuais – é atraído por um código que paralisa a sua retina. O olhar se fixa graças à potência de um atrator.¹⁹

Apesar de o pensamento de Canevacci ter sido desenvolvido para o mundo contemporâneo e o que ele chama de “metrópoles comunicacionais”, seus conceitos podem perfeitamente ser aplicados ao objeto deste estudo, ou seja, o Rio de Janeiro do início do século XX, onde a transformação das praias cariocas em ambientes de estar social introduziu situações absolutamente novas para o contexto de modernidade que a metrópole carioca vivia naquele momento.

Os passantes que aparecem ao fundo na fotografia de 1910 da revista *Careta*, debruçando-se sobre a murada para observar a paisagem, certamente deixam seu olhar repousar mais demoradamente sobre um ou outro banhista, ou, mais precisamente, sobre determinadas partes dos corpos desses banhistas, o que faz destes últimos, portanto, o que Canevacci chama de atratores.

De uma forma mais óbvia, os fotógrafos da revista *Para Todos* que registravam os corpos sobre a areia de Copacabana em 1928 orientavam seu olhar e suas lentes diretamente para os corpos – geralmente femininos – que portavam os novos trajes de banho e deixavam à mostra pernas, coxas, braços, ombros, colos. Mas, mesmo que tais corpos se oferecessem ao olhar, este jamais poderia ser demasiadamente fixo, sob o risco de se transformar em agressão. Um novo tipo de olhar se desenvolve a partir daí, um olhar supostamente *blasé*, que Jean-Claude Kaufmann nomeia como “*l’art de voir sans voir*” em seu estudo sobre a nudez dos corpos femininos na praia.²⁰ Enquanto isso, as ruas dos bairros litorâneos mantinham os códigos de civilidade da cidade urbanizada e moderna que requeriam maior recobrimento do corpo até mesmo para aqueles que se dirigiam às atividades praianas.

¹⁹ *Ibid.*, p. 40.

²⁰ MONS, Alain. *Les lieux du sensible*, p. 22. Mons cita o estudo do sociólogo Jean-Claude Kaufmann sobre a nudez dos corpos femininos nas praias: *Corps de femmes, regards d’hommes*. Paris: Nathan, 1995.

A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DE UM LUGAR: A PRAIA

A imprensa teve um papel importante na construção do imaginário despertado pelas praias urbanas do Rio de Janeiro a partir da incorporação das mesmas à vida social e cultural da cidade. Os exemplos utilizados neste trabalho, pinçados com um espaço de 18 anos em edições dos meses de verão de duas revistas publicadas na cidade, demonstram as transformações ocorridas na utilização que se fazia daqueles espaços, com consideráveis reflexos no plano das sensibilidades de todos os cariocas, quer eles frequentassem ou não as praias do litoral sul. Uma série de práticas sociais se desenvolve a partir da ocupação dos bairros litorâneos e suas praias, tomados preferencialmente como lugares de liberdade e descontração – mesmo que as mesmas fossem parciais, já que o poder público, atento aos novos hábitos, tentava regulá-los usando para tanto até mesmo a força policial.

No já comentado Decreto Municipal de 1917, a pena para o não cumprimento das regras estabelecidas para os banhistas podia chegar a cinco dias de prisão. A moda, frequentemente considerada indecente, diminuía, a cada temporada, a extensão dos trajes de banho. O Estado, na tentativa de controlar inevitáveis ousadias, chegou a promulgar leis impondo que joelhos ficassem cobertos pelos calções usados tanto por homens quanto por mulheres ao longo dos anos 1910.

Fotografias de praias da cidade não eram muito comuns nos primeiros números das revistas *Fon-Fon!* e *Careta* – revistas que se tornaram referência para o estudo da imprensa ilustrada, e que começam a circular, respectivamente, em 1907 e 1908. Quando isso acontecia, a legenda não continha muitas informações, mas indicava que aquelas cenas aconteciam “nas nossas praias”. A falta de informações não impedia, no entanto, que tais páginas despertassem nos leitores sentimentos de desejo ou de curiosidade sobre lugares que pareciam encarnar um exotismo possível, justamente pela proximidade com o núcleo urbano. Mesmo que não muito frequentes, as fotografias publicadas pelas revistas ilustradas certamente foram, para muitos, o primeiro contato com as praias da Zona Sul. As obras viárias e o transporte público já disponível eram mais um facilitador para que, como preconizavam as quadrinhas impressas nos bilhetes de bonde, o carioca buscasse nas praias um lugar de contemplação tanto quanto um antídoto para a nervosa vida urbana do Centro da cidade:

Teve em Copacabana a natureza,
Ao fazê-la, tais mimos, tais riquezas,
Que nada nos deixou a desejar
Entediados, deixai teatros e ceias,
Ide fitar-lhe as rochas e as areias
E ouvir o Oceano em noites de luar.²¹

Verdadeiras campanhas foram veiculadas pela imprensa para que uma vida elegante se instalasse nas praias recém-incorporadas à trama da cidade. Um exemplo é a série de reportagens assinada por “Iracema”, que, iniciada em 1914, durou três anos na *Revista da Semana*. A cronista, com a autoridade de quem já havia visitado balneários europeus, defendia a ideia da praia como um lugar privilegiado de sociabilidade elegante e sugeria que os bares instalados ao longo da orla providenciassem “cadeiras e para-sóis que convidassem as altas rodas da sociedade à fruição ao ar livre”.²²

Mais de uma década mais tarde, o responsável pela coluna “Um sorriso para todas...” da revista *Careta*,²³ que assinava sob o pseudônimo de Peregrino, reclamava que os banhos de mar no Rio eram ainda “apenas paisagem” e pedia empenho às instituições ali alocadas para que tal quadro fosse alterado:

Estamos muito longe ainda da alegria, do movimento, da elegância das grandes praias da Europa e dos Estados Unidos. E os dois *clubs* que temos em Copacabana – o Praia Club e o Atlântico Club – não compreenderam ainda a inadiável necessidade de transformar aquela maravilhosa paisagem da avenida Atlântica numa linda moldura para as festas da alegria e da elegância. Quando teremos aqui uma praia elegante e confortável?

Embora dedicada ao cinema, a revista *Para Todos* trazia também notícias da cidade e colunas sobre moda, teatro, literatura e até mesmo culinária. É notável,

²¹ O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana*, p. 40-41.

²² *Ibid.*, p. 101.

²³ CARETA, 1 de dezembro de 1928. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1928/careta_1928_1067.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

pois, sua abrangência cultural, atuando como formadora de opinião, disseminando modismos e flexibilizando costumes. Um exemplo é a extensa reportagem publicada na edição de 7 de janeiro de 1922, sobre Mary Pickford, uma das mais famosas atrizes de cinema da época. Entre imagens da carreira da atriz e de outros trabalhos, surgem fotografias de momentos de sua vida privada, partilhada com o marido, o também ator Douglas Fairbanks. Chama a atenção as imagens do casal dentro da piscina, então chamada de “tanque de natação”, perfeitamente de acordo com o discurso da entrevistada, empenhada em construir uma imagem saudável, adepta de esportes ao ar livre e dos banhos de sol, estes citados duas vezes ao longo do texto.²⁴

Na época em que a *Para Todos* publicou a reportagem sobre Mary Pickford, os banhos de sol haviam recém-entrado no rol dos procedimentos modernos, não somente por seus efeitos terapêuticos, mas principalmente em função da moda: a pele bronzeada deixava de vincular-se ao trabalho braçal para tornar-se símbolo de bem viver, especialmente após o verão de 1923, quando a estilista Coco Chanel se encarregou de disseminar a estética da pele tostada ao adotá-la para si mesma.

Os hábitos balneários ganharam maior suporte a partir de 1922, com a circulação do periódico *Beira-Mar*, definido por Julia O’Donnell como um órgão lúdico e informativo, destinado a leitores que já haviam se informado das principais notícias pelos matutinos de grande circulação. Assim, conclui ela, o *Beira-Mar* tinha por objetivo a “articulação e divulgação da imagem de distinção e elegância com a qual aquela região já passava a ser referida nos maiores jornais da capital”.²⁵

O *Beira-Mar* disseminava os hábitos nascidos nas praias e se propunha a defender os interesses dos moradores do território que passou a ser conhecido pela sigla CIL, Copacabana-Ipanema-Leme (o Leblon só seria incorporado mais tarde). É atendendo a esses objetivos que, em 1925, elogios ao banho de sol começaram a aparecer, revelando a mudança no gosto das banhistas e os novos caprichos da moda, ambos respaldados, naquele momento, por discursos médicos, que viam benefícios para a saúde na conjugação de banhos de mar e de sol.²⁶

²⁴ PARA TODOS, 7 de janeiro de 1922. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/para_todos/para_todos_1922/para_todos_160.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

²⁵ O’DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana*, p. 85.

²⁶ *Ibid.*, p. 167.

O hábito ou a moda dos banhos de sol foi determinante para que a praia se tornasse um lugar de permanência. Ali se desenvolveu uma sociabilidade muito própria, marcada pela presença dos corpos que, despidos da formalidade diária, encontravam, entre o mar e a areia, novas formas de expressão. Em nota na coluna “Block-notes” da revista *Careta* de 8 de dezembro de 1928, o autor deixa transparecer a estranheza que lhe causa a exposição em casas fotográficas de moças da alta sociedade de maiô “nas mais surpreendentes, variadas e equívocas posições”. Os hábitos praianos, embora já bastante disseminados, ainda estavam, portanto, longe de ser encarados como banais. A nota, que começava afirmando que o pudor havia se tornado “coisa fora de moda”, explicava:

Antigamente, só as “cômicas” (que eram taxadas de desavergonhadas) usavam “maillot” e se atreviam a tirar fotografias, mais ou menos nuas, para fazer reclame do lindo corpo que exibiam no palco. Hoje são as moças de sociedade que oferecem o espetáculo belo dessas audácias escandalosas!²⁷

Lugar privilegiado para os espetáculos do corpo, escandalosos ou não, a praia carioca firmou-se como um lugar de convivência, de encontros e de efervescências sociais. A sociabilidade que ali se desenvolvia partia de uma intimidade impossível poucos anos antes, proporcionada pelo desvelamento dos corpos, que ofereciam ao olhar público contornos e texturas antes apenas imaginados. Tal intimidade, no entanto, não se construía sem tensões. Seu ineditismo demandava o acordo de novas regras de convivência que regulassem aproximações e afastamentos, deslocamentos e posturas, olhares e diálogos.

As imagens veiculadas pela imprensa influenciaram na formação de um repertório de comportamentos que incluíam desde a forma de caminhar sobre a areia até o jogo sutil de mostrar e esconder o corpo por entre as frestas dos trajes e acessórios, especialmente concebidos para tal. Novos modos de estar na cidade foram inaugurados, juntamente com novas formas de se comportar e de se vestir, que acabariam por formatar um estilo muito particular de metrópole, marcado pela capacidade de conciliar trabalho e diversão, política e cultura, capital e balneário.

²⁷ CARETA, 8 de dezembro de 1928. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1928/careta_1928_1068.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.